

## A UTILIZAÇÃO DE SOBRAS CULTURAIS EM *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*: EXPLORANDO OS LIMITES DO LITERÁRIO

Lucas da Cunha Zamberlan (UFSM)

### RESUMO:

O presente trabalho pretende promover uma reflexão, de natureza comparatista, sobre a utilização de sobras culturais como elemento estético no romance *Eles eram muitos cavalos* (2013), de Luiz Ruffato. Nos sessenta e nove capítulos da obra, há uma organização de textos variados, como horóscopos, seção de classificados, listas de vagas de empregos que permite com que o livro transponha as barreiras do literário e comunique-se com outras artes e mídias. Para logarmos êxito na nossa pesquisa, utilizamos uma abordagem metodológica que principiou pela consideração do autor do texto literário como um *bricoleur*, na acepção de Compagnon (2010), que elabora o seu trabalho lançando mão da colagem, do ajuste de fragmentos e da reformulação de ideias passadas. Em seguida, recorreremos à fortuna crítica acerca da assimilação de sobras culturais e resíduos da cultura de massa pela literatura, trabalhada principalmente por Moser (1999), a fim de avaliar de que modo os objetos da contemporaneidade, marcada pela acumulação e pela saturação, se constitui no corpo do romance em questão e quais são as origens desse processo no âmbito das artes. A partir dos elementos trabalhados, avaliamos que *Eles eram muitos cavalos* (2013) não só inscreve-se como um romance contemporâneo, no sentido que Agamben (2009) trabalha o conceito, mas também como um texto de fruição, que reflete de forma profunda a relação do homem envolvido pelo espaço urbano e as coisas que o rodeiam. Ruffato ao buscar o limite, encontra a essência da escritura.

Palavras-chave: Sobras culturais. Bricolagem. Eles eram muitos cavalos.

O livro *Eles eram muitos cavalos* (2001) foi o primeiro romance publicado pelo escritor mineiro Luiz Ruffato. A publicação rendeu ao autor a consagração artística por meio de dois prêmios: APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional. No ano de 2005, houve uma eleição entre obras literárias com o intuito de se elencar os cento e vinte e cinco livros de ficção mais importantes publicados nos últimos quinze anos. O romance em questão obteve a quarta colocação e definiu o escritor como um dos principais nomes da literatura brasileira deste início de século.

*Eles eram muitos cavalos* insere-se em um conjunto de narrativas contemporâneas interessadas em tematizar o universo das grandes cidades, explorando tanto sua organização caótica e amorfa, quanto suas relações sociais fragilizadas. Partindo-se do princípio de que cada obra possui seus mecanismos internos, seus métodos de abordagem e maneiras próprias de apreender a realidade, o romance analisado traz uma contribuição importante, pois

apresenta uma construção singular, mesclando diferentes formatos midiáticos e gêneros extraliterários.

A riqueza heterogênea do texto de Ruffato favorece uma aproximação da literatura com outras artes, abrindo um campo inesgotável de abordagens no que concerne à Literatura Comparada, pois

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais, (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação da literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (REMAK, 1994, p.175)

Dessa forma, neste artigo buscaremos estabelecer uma dessas possíveis relações, percebendo como o romance fragmentado do escritor mineiro se compõe a partir das sobras culturais de uma época de saturação, o *Spätzeit*, e principalmente, como ele transpõe as barreiras do literário e comunica-se com outras esferas artísticas.

O livro em questão é formatado em sessenta e nove capítulos. Cada fragmento constitui um recorte da cidade de São Paulo, no dia 09 de maio de 2000. Os eventos se sucedem no tempo presente, destacando-se como ações simultâneas que simbolizam a existência do cotidiano na metrópole. A multiplicidade dos acontecimentos não apaga a intensidade dos relatos, marcados pela violência, solidão, desesperos, roubos e anseios de uma vida melhor. No entanto, a passagem de capítulos promove um esquecimento imediato do recorte recém-lido e a revelação de um novo conteúdo baseado no desenvolvimento de um novo tema.

O autor do romance comporta-se em muitos dos capítulos como um organizador que está sempre disposto a acrescentar um elemento diferente ao corpo do texto, apreendendo a realidade por meio da fragmentação e do diverso. Tal conduta estética vincula-se com o conceito de *bricoleur*, proposto por Antoine Compagnon: “*bricoleur*, o autor trabalha com o que encontra, monta com alfinetes, ajusta; é uma costureirinha. Como Robinson perdido em sua ilha, ele tenta tomar posse dela, reconstruindo-a com os despojos de um naufrágio ou de uma cultura” (COMPAGNON, 2007, p.39).

O *bricoleur* da obra ruffatiana porta-se como o Robinson Crusóe da metáfora de Compagnon (2007), construindo o seu texto com as sobras, os resíduos resultantes da cultura de massa. No entanto, ao contrário de Crusóe, a bricolagem é feita pelo excesso e não pela falta. O lixo encontrado no dia-a-dia nos mais variados lugares, como nas abarrotadas caixas de correio recheadas de *junkie mails*, é utilizado com finalidade estética, compondo uma narrativa costurada e desarmônica, resultante de uma reunião de textos permeados de elementos extraestéticos. O produto desse processo heterogêneo, múltiplo e simultâneo é o que pode ser entendido como um *romance-frankenstein*, desajustado e díspar como a cidade de São Paulo.

Portanto, a técnica da colagem se revela como um recurso necessário nessa tentativa de reciclagem cultural. Ela permite que o leitor veja o objeto colado tal qual como é, sem interferências discursivas. Em *Eles eram muitos cavalos*, muitos fragmentos se derivam desse processo de recorta-cola. No capítulo 18, *Na ponta do dedo (1)* encontra-se um recorte de uma lista de empregos, que poderia ser encontrada em uma seção de classificados de jornal ou em um mural afixado em um lugar qualquer:

GALVANIZADOR  
GARÇOM  
GERENTE administrativo  
GERENTE administrativo industrial  
GERENTE de centro de processamento de dados  
GERENTE de indústria  
(...)  
IMPRESSOR off-set (Davidson)  
IMPRESSOR tipográfico  
INSPETOR de qualidade  
INSTALADOR de linhas telefônicas  
INSTALADOR de som  
(...)  
MAÇARIQUEIRO – (soldador), escolaridade não exigida, experiência 12 meses, idade entre 25 e 45 anos (RUFFATO 2001, p.40-41)

A lista de empregos integrada como parte do romance trabalhado exemplifica-se como uma colagem de um texto não-literário e inconcluso, pois a relação das profissões obedece a uma ordem alfabética. São inseridas apenas as profissões que começam com a letra ‘G’ até a letra ‘M’, deixando excluídas todas as outras que não estão entre as letras eleitas. É como se o autor se dispusesse de tesoura e cola e simplesmente procedesse como um *bricoleur*,

atribuindo valor estético a um texto funcional, comum e despido de qualquer resquício de uma linguagem literária.

A fim de que se comprove o uso dessa técnica quase artesanal de literatura como característica recorrente do livro em questão, o fragmento 36, *Leia o salmo 38*, serve como mais um exemplo desse uso da colagem no livro:

leia o salmo 38  
durante três dias seguidos  
três vezes ao dia  
faça dois pedidos difíceis  
e um impossível  
anuncie no terceiro dia  
observe o que acontecerá no quarto dia (RUFFATO 2001, p.73)

O incessante sistema de recorta-cola do texto ruffatiano suscita um debate teoricamente mais aprofundado. Walter Moser (1999) reflete sobre a utilização dos resíduos culturais, do lixo textual produzido no espaço urbano com finalidade estética. Para tanto, o autor elabora o conceito de *Spätzeit*, substantivo historiográfico de difícil tradução, mas que poderia ser aproximado semanticamente às expressões “época tardia”, “tempo da decadência” ou “o tempo que chega tarde”. Moser define *Spätzeit* decompondo o termo em quatro ideias centrais que alicerçam os seus princípios de atuação: a perda de energia, a decadência, a saturação cultural, a secundariedade e a posteridade.

O primeiro componente semântico - a perda de energia - aborda o enfraquecimento da força criadora do homem. Ele se vê cada vez mais sufocado pelo esgotamento das energias criativas em um mundo diminuído. Sob esta ótica, o artista contemporâneo é prejudicado, visto que deve contentar-se com as sobras de culturas passadas e integrá-las a sua arte em fragmentos, sem a grandiosidade e a potência criadora do passado.

No segundo - a decadência - o autor trabalha com a questão da degradação, da decrepitude como consequência histórica que ocorreu em vários momentos da história da arte. O tempo ocasiona essa queda natural que não acontece apenas no âmbito artístico, mas que se estende como lógica aos objetos e sistemas naturais.

O terceiro componente - a saturação cultural - teoriza sobre a produção de detritos advindos da degradação. Sendo assim, os escombros, as ruínas das épocas anteriores se

acumulam e afetam o campo das artes. O presente, portanto, é visto como a descarga cultural do passado. A consequência desse processo é o amontoamento e a mistura aleatória de diferentes elementos que dividem o mesmo espaço.

No quarto componente - a secundariedade - há uma profunda reflexão sobre as consequências da utilização destes restos na literatura. Eles vão tecendo teias referenciais que estabelecem um jogo complexamente alusivo entre diferentes obras de épocas diversas. Tal componente aparece geralmente em metáforas que enfatizam a sua particularidade de criação: intertexto, palimpsesto, segunda mão, metaficção, etc.

Por fim, o quinto item semântico - a posteridade - atua como um componente temporal que define o *Spätzeit* como algo que surge depois de uma determinada época grandiosa, encerrando um ciclo que inevitavelmente recomeçará da sua nova origem. Ele constitui-se, conseqüentemente, como um fenômeno tardio, última parte integrante de um sistema que se repete e se renova.

A utilização de toda a série de recursos literários e extraliterários propicia uma discussão pertinente a esse contexto específico de produção, citado por Moser como decadente. Seria a literatura em questão, um exemplo de uma arte nobre, dotada de valores estéticos passíveis de serem estudados? Para responder a tal questionamento, essencial na compreensão dos elementos que regem boa parte dos textos contemporâneos, é necessário diferenciar, segundo Moser, o conceito de *Spätzeit* de *Endzeit*. Este último assume um entendimento apocalíptico das artes.

Assim, a produção atual seria um sinal catastrófico do fim da criatividade como essência propulsora da elaboração artística. Entretanto, mesmo que seu ideário paire sobre o contexto sociocultural e influencie a construção teórica de alguns autores, são os próprios elementos dessa nova arte que particularizam o surgimento de uma criação singular, calcada no ecletismo, na heterogeneidade e no excesso.

O conceito do *Spätzeit* atrelado à literatura contemporânea, e mais especificamente, ao romance *Eles eram muitos cavalos*, evidencia-se na confecção feita pelo autor *bricoleur* em muitos fragmentos da obra na utilização dos resíduos culturais como matéria prima compositiva. Esse processo de reciclagem cultural encontrada na literatura de Ruffato molda-

se como um recurso estético oriundo do *Spätzeit* e a sua saturação cultural teorizada por Moser (1999):

Benjamin utiliza o termo *Häufung* (acúmulo, acumulação) para definir este aspecto particular do *Spätzeit*: empilhamento, acúmulo de objetos culturais heterogêneos. O espaço cultural está saturado, e talvez supersaturado de objetos, de fragmentos de objetos que os ancestrais e os antecessores legaram aos descendentes. Estes últimos nascem num mundo que já está culturalmente pleno, talvez pleno demais. (MOSER 1999, p. 38).

A saturação de objetos que abaliza o conceito do *Spätzeit* funciona como um procedimento técnico na construção estrutural do romance de Ruffato. A fim de tentar dimensionar as possibilidades infinitesimais do tempo presente, o livro compõe-se artesanalmente por meio de retalhos variados:

As sobras, ruínas ou restos são elementos narrativos importantes, porque compõe o quadro da realidade que tentei apreender. A nossa sociedade brasileira é constituída de pedaços de coisas, seja no que concerne à rapidez das mudanças (50 anos em 5 era o lema de um dos nossos governos), seja no que concerne à fragilidade acarretadas por essas mudanças (um edifício em construção que é abandonado, por exemplo). (RUFFATO 2013)

Moser (1995) avalia a utilização estética desses objetos, tomando por modelo o exemplo de Thompson. Este organiza o percurso transcorrido por um artefato e constata, nessa biografia, uma evolução histórica que modifica o seu valor perante a sociedade. A sequência observada por Thompson passa em primeiro lugar, pelo valor de uso de determinado objeto. Em seguida, o artefato inevitavelmente perde o seu valor para recuperá-lo no último estágio do processo. A sua recuperação valorativa atinge a esfera estética e pode ser utilizado com este fim.

Luiz Ruffato está muito atento a esse percurso. No capítulo 31, por exemplo, encontra-se uma colagem direta de um *flyer* com uma oração a Santo Expedito, enxertado no texto com as marcas do gênero textual em questão, contendo, inclusive, o local da impressão, o preço do milheiro e o telefone da gráfica para contato:

#### ORAÇÃO A SANTO EXPEDITO

Festa 19 de abril. Comemora-se todo dia 19

Se você está com algum problema de difícil solução e precisa de ajuda urgente peça esta ajuda a Santo Expedito. Este santo é invocado nos negócios que demandam pronta solução e cuja invocação nunca é tardia.

**Oração:** Meu Santo Expedito das causas justas e urgentes, interceda por mim junto ao nosso senhor Jesus Cristo, socorre-me nesta hora de aflição e desespero. Vós que sois um santo guerreiro, vós que sois o santo dos aflitos, vós que sois o santo dos desesperados, vós que sois o santo das causas urgentes, proteja-me, ajuda-me, dai-me coragem e serenidade. Atenda ao meu pedido. “*fazer o pedido*”. Meu Santo Expedito! Ajuda-me a superar essas horas difíceis, proteja-me de todos que possam me prejudicar, proteja a minha família, atenda ao meu pedido com urgência. Devolva-me a paz e a tranquilidade. Meu Santo Expedito! Serei grato pelo resto da minha vida e levarei seu nome a todos que tem fé. Muito obrigado. Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e fazer o sinal da Cruz.

Mandei imprimir e distribuí um milheiro destas orações em agradecimento e para propagar os benefícios do grande Santo Expedito. Mande você também imprimir imediatamente após o pedido.

Impresso na LFRS – Produções

Telefones: 2368-6096 e 2204-1744 - R\$ 38,00 o milheiro

Entrega grátis em sua casa em todo o Brasil (RUFFATO 2001, p. 65)

Já em *Touro*, a reciclagem elege um horóscopo que recomenda uma atitude ponderada para aquele momento. Não sabemos se o texto foi retirado de um jornal do dia 9 de maio ou se de um periódico passado, o que torna o seu conteúdo obsoleto, porém exemplar na construção de um conceito marcado pelo acúmulo das sobras:

A lua nova, no signo de Câncer, pede recolhimento, reflexão. Depois da agitação dos últimos dias, é hora do ritmo lento e contínuo. Aqueles que se deixarem levar pelas emoções podem se arrepender. Estão condenadas todas as atitudes radicais. O agrupamento dos planetas em Touro, signo da terra e da posse, tende a levar a exageros, mas a energia lunar acalma os ânimos. (RUFFATO, 2001, p. 29).

Além dos dois fragmentos citados, percebem-se ainda outros capítulos com características semelhantes que se somam no decorrer da obra: no trecho *Tempo*, uma previsão climática precisa, informando as oscilações de temperatura, qualidade do ar, a lua e o horário do nascer e pôr do sol; já em *Diploma*, um certificado de batizado conferido pela “Igreja do Evangelho Quadrangular”, assinado pelo Pastor Neemias Santoro da Silva, datado do ano 1978 de um sujeito com nome e sobrenome, Paulo Roberto Ernesto; em *Ciúmes*, uma simpatia com todos os passos para eliminar o ciúme no relacionamento amoroso; em *Na ponta do dedo (3)*, uma relação de acompanhantes com seus os nomes e descrições e em *Na ponta do dedo (2)*, um correio amoroso, organizado por nomes e pseudônimos, em ordem alfabética, expondo as preferências e gostos de cada um.

Para Hossne (2007), a fragmentação da narrativa de Ruffato, tramada com elementos híbridos, apresenta-se como uma necessidade formal que consagra um efeito de simultaneidade proposto pelo autor:

Não se trata de um abandono puro e simples das categorias formais consagradas, mas de uma necessidade interna da obra. Diante dos diversos *ready-made*, das variações de registros linguísticos, das colagens que o texto congrega, da dúvida se os vários textos são fragmentos que ambicionam a superposição em busca do efeito de simultaneidade ou se são coletânea de poemas em prosa, contos, cenas, etc., o leitor busca um eixo unificador (HOSSNE, 2007, p. 35).

A passagem analítica de Hossne, além de elucidar um aspecto importante no efeito de simultaneidade presente no romance, também aborda sobre a inserção de diferentes *readymade* na sua composição formal. O conceito artístico de *readymade* foi criado pelo francês Marcel Duchamp, no ano de 1916, o qual, antes de se tornar um expoente da vanguarda dadaísta, percorreu pelos caminhos do modernismo, aproximando-se de algumas vanguardas.

No ano de 1912, por exemplo, concluiu a polêmica obra *Nu descendo uma escada*, e recebeu um pedido formal para que retirasse o seu quadro do *Salon des indépendants*. Conforme o pintor Albert Gleizes, que chegou a pedir aos irmãos de Duchamp que o convencessem a subtrair a tela da exposição, a obra se desassociava dos valores cubistas, porque, apesar de apresentar a decomposição do objeto retratado, continha uma movimentação típica da estética futurista. O quadro causou, anos mais tarde, grande sensação



na exposição *Armory Show*, nos Estados Unidos, pela representação de um nu robotizado que muito vagamente se aproxima de uma figura humana.

Já consideravelmente estabelecido e respeitado como artista, Duchamp definiu o *readymade*, termo que consiste na estetização de objetos funcionais que, retirados do seu ambiente prático e realocados em um novo espaço, assumem um valor artístico. Os *readymade* mais célebres do autor são *Roda de Bicicleta*, de 1913, *Escorredor*, de 1914, elaborados antes da conceituação do termo, e *Em previsão do braço partido*, de 1916 e *A fonte*, de 1917.

Em uma carta escrita à sua irmã Suzanne, em janeiro de 1916, na ocasião da mudança do ateliê de Paris para Nova York, Duchamp explica o conceito que acabara de fundar, negando qualquer vínculo da sua criação com outra vanguarda, ressaltando a singularidade e a inovação que a sua arte alcançara:

Agora, quando subires as escadas, tu vês a roda da bicicleta e um escorredor de garrafas no meu estúdio. Comprei-os como a uma escultura já acabada, mas eu tenho uma ideia a respeito do escorredor. Ouve:  
Aqui em Nova Iorque comprei alguns objetos de estilo semelhante e chamei-lhes *readymade*. Tu sabes suficientemente inglês para perceberes o significado de “já acabado”. Que eu atribuí a esses objetos. – assinei-os e coloquei-lhes uma inscrição em inglês.(...) Não faças um esforço demasiado para entenderes isto de uma forma romântica, impressionista ou cubista, pois não tem nada a ver com isto (DUCHAMP 1916 in MINK, 2006, p.56-57).

A estetização dos elementos extraliterários encontrados em *Eles eram muitos cavalos*, se assemelham à natureza artística do objeto “já acabado” desenvolvida por Duchamp. Umberto Eco (2010) compreende o *readymade* como uma “poética do objeto encontrado”, em consonância com a definição de Octavio Paz (1990), que o percebe como objetos anônimos convertidos em arte pela escolha do artista.

Essa visão do autor, que procura construir sua obra com utensílios materiais, alicerça a ideia de que muitos capítulos do livro de Ruffato se constituam de uma arte que, se caso não é um *readymade* literário, se aproxima muito dos preceitos estéticos da arte dadaísta de Duchamp. Dessa forma, a saturação do *Spätzeit* oferece a matéria-prima que, pelas mãos do *bricoleur*, se transforma em objeto artístico na estetização de elementos que estariam fora dos limites do que seria considerado verdadeiramente artístico.

Portanto, a partir da relação da passagem de Hossne com a conceituação do *readymade*, e, ainda, das reflexões acerca do *Spätzeit*, é possível conceber a estética privilegiada por Luiz Ruffato como uma consequência de uma arte influenciada pelos experimentos de ordem artística e realizada com os dejetos de épocas passadas, estabelecendo uma interação extremamente rica com toda sorte de elementos culturais e fomentando uma infinidade de pesquisas no campo da Literatura Comparada. Com isso, avaliamos que *Eles eram muitos cavalos* (2013) não só inscreve-se como um romance contemporâneo, no sentido que Agamben (2009) trabalha o conceito, mas também como um texto de fruição, que reflete de forma profunda a relação do homem envolvido pelo espaço urbano e as coisas que o rodeiam. Ruffato ao buscar o limite, encontra a essência da escritura.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- COMPAGNON, Antoine; tradução Cleonice P.B. Mourão. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- ECO, Humberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org). **Uma cidade em camadas**. Vinhedo: Horizonte, 2007.
- MILK, Janis. Duchamp: **A arte como contra-ataque**. Singapura: Paisagem, 2006.
- MOSER, Walter. Restos e reciclagem: da temática romanesca à economia da produção. In: BERND, Zilá; CAMPOS, Maria do Carmo (org.). **Literatura e americanidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Spätzeit*. In: MIRANDA, Wander Melo (org). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- PAZ, Octavio. **Marcel Duchamp: Castelo da pureza**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

REMAK, Henry. Literatura Comparada: Definição e Função. In: **Literatura Comparada – Textos Fundadores** (Orgs. Eduardo Coutinho e Tânia Franco Carvalhal). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 175-190.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo, 2001.